

MOACYR SCLiar

Arqueologia da emoção

Não se pode, mesmo mobilizando todo o bairrismo disponível em nossos corações porto-alegrenses, dizer que esta seja uma cidade marcante. Não temos nada que nos coloque no mapa do mundo. Nosso símbolo, o Laçador, não tem a imponência (e nem a altura) da Estátua da Liberdade, do Cristo do Corcovado ou do obelisco de Buenos Aires; e é antes uma evidência de nostalgia rural do que uma homenagem à cidade. Além disto, sua localização, no começo da BR-116 e junto ao aeroporto, é no mínimo ambígua: está ali para dar as boas-vindas aos que chegam, ou para olhar os que se vão?

E não são poucos os que se vão. Artistas, profissionais, executivos — é grande a diáspora porto-alegrense. Os que ficaram não podem dizer como Leônidas nas Termópilas, que, referindo-se à nuvem de flechas com que os inimigos o ameaçavam e que ocultariam o sol, respondeu: melhor, combateremos à sombra. Não, sombra é que não temos, ao menos em nossos tórridos verões. Mas a verdade é que

ficamos.

Esses dias, a Prefeitura (que mais uma vez promove a Semana de Porto Alegre) fazia melhoramentos na Avenida Protásio Alves. Operários retiraram a camada de asfalto no corredor de ônibus e o que apareceu? Não, não foi um templo antigo nem as ruínas de uma fortaleza. Trilhos. Os trilhos do bonde Petrópolis e do bonde João Abbot, em cuja plataforma viajava um rapazinho magro chamado Moacyr Scliar.

Ficamos por causa dos trilhos sob o asfalto. Ficamos por causa da Cidade Baixa e de uma lojinha na Floresta; ficamos por causa do Alto da Bronze e dos casarões da Duque. Ficamos por causa do Salão Mourisco da Biblioteca e de sua complicada simbologia. Ficamos por causa das palmeiras da Oswaldo Aranha e por causa do Guaíba. Ficamos por causa do Paula Soares e da Santa Casa. Ficamos porque o casal de namorados que passeia de mãos dadas pela Redenção é igual a outros milhares de casais que por ali passaram, a areia rangendo suavemente sob seus sapatos.

Ficamos porque somos arqueólogos da emoção.